

Uma candidatura que cresce no ritmo do PIB

Perspectiva de recuperação econômica do país fortalece nome de Malan para eleições presidenciais de 2002

Liana Verdini

• Embora ainda faltem mais de dois anos para as próximas eleições presidenciais, previstas para outubro de 2002, o assunto não sai da pauta dos políticos. É que uma espécie de corrida, por enquanto disputada sem muito alarde, está em curso. Ao Palácio do Planalto, deslanchar esse processo agora pouco interessa. Quando 2002 chegar, se nenhuma crise internacional atrapalhar, a economia deverá estar fornecendo números bastante satisfatórios, que ajudarão o candidato do Governo a conquistar votos.

É promissor o futuro econômico para 2002, em preparação no interior dos gabinetes da Esplanada dos Ministérios, em Brasília. Por isso mesmo, o ministro da Fazenda, Pedro Malan, condutor da política econômica, vem se transformando num dos mais fortes candidatos, conquistando apoio tanto do presidente Fernando Henrique, quanto do PFL, de Antônio Carlos Magalhães. E diante do panorama previsto — juro real bruto de um dígito, inflação em queda, economia crescendo mais de 4% ao ano e risco Brasil diminuindo 75% até 2003 — seu nome só tende a se fortalecer.

Ajuste fiscal é condição básica para melhora

Os economistas ressaltam que tudo isso será realidade se o Governo mantiver a disposição de gastar menos do que arrecada, insistindo no chamado ajuste fiscal. Além disso, as projeções feitas pelos economistas consultados pelo GLOBO só valem se as hipóteses previstas nas simulações se confirmarem. De qualquer forma, os números dão uma boa idéia do cenário que o país estará vivendo no ano da disputa presidencial.

— O cenário hoje já dá claros sinais de melhora — diz José Júlio Senna, sócio da MCM Consultores e ex-diretor de Política Monetária do Banco Central.

As últimas estatísticas registram expansão do crédito, redução dos juros dos empréstimos, diminuição da inadimplência, aumento do uso da capacidade instalada da indús-



PEDRO MALAN, condutor da política econômica, vem se transformando em um nome forte para 2002

tria e maior quantidade de mercadorias brasileiras exportadas. Tudo isso tem um impacto muito positivo sobre a economia. Tanto que o ex-presidente do Banco Central Gustavo Loyola, sócio da consultoria Tendências, acredita que o Produto Interno Bruto (PIB) poderá crescer entre 4% e 5% ao ano entre 2001 e 2003, com uma inflação média anual de 5%. Isso se o ajuste fiscal for

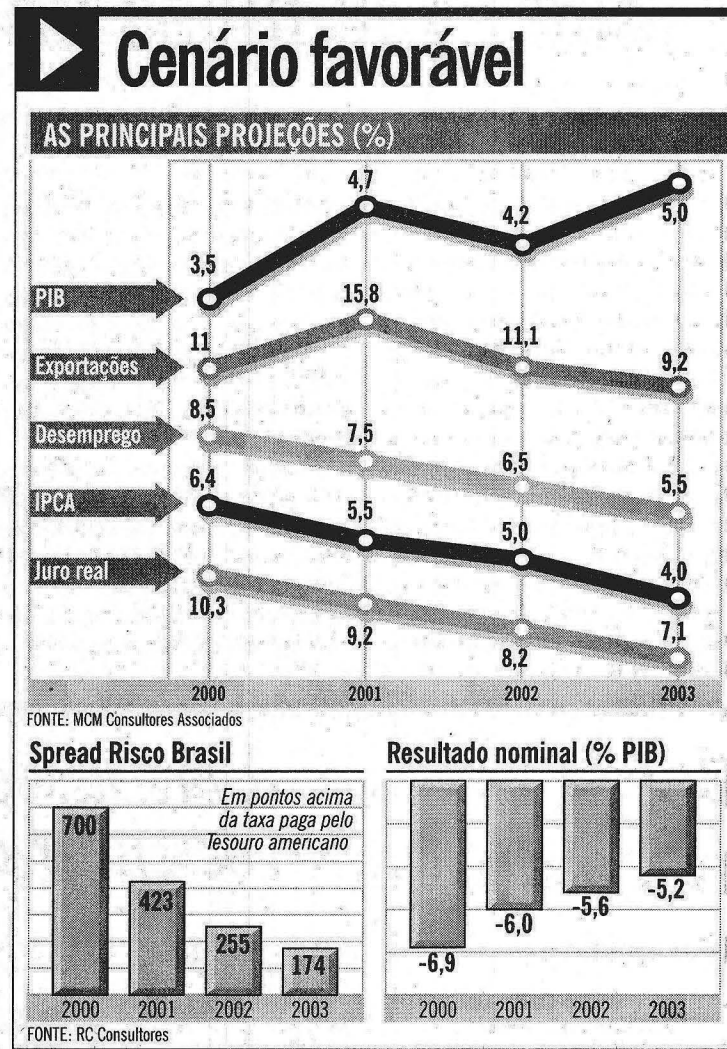
mantido e o cenário internacional não se deteriorar.

— Eu acho que as chances de isso ocorrer são de 60% a 70% — calcula Loyola.

Mas as possibilidades de uma crise externa voltar a abalar o Brasil ainda são grandes, segundo ele. Algo entre 30% e 40%. A dependência ao capital internacional puxa para cima o custo do dinheiro, o que, somado à variação cambial, prejudi-

ca a percepção de segurança e o planejamento, segundo o economista Paulo Rabello de Castro, sócio da RC Consultores e um dos conselheiros preferidos do PFL, partido que está na base de sustentação do Governo Fernando Henrique.

— O fato é que ainda impera o regime de vulnerabilidade no nível decisório da economia. Temos uma enorme dependência, no mau sentido da



palavra — diz ele.

Toda essa vulnerabilidade, segundo Loyola, está relacionada ao ajuste fiscal capenga, feito apenas pelo lado da arrecadação, sem muito sucesso na redução das despesas. A área econômica sabe disso. Tanto que incentivou os governos estaduais a renegociarem suas dívidas com o Tesouro. Pelo acordo, se o estado atrasar o pagamento das mensalidades, a União pode deixar de repassar as parcelas relativas ao fundo de participação.

Encontros de Malan com políticos se intensificaram

Nas primeiras renegociações de dívida, o assunto era tratado basicamente pelo então secretário do Tesouro Nacional, Eduardo Guimarães. Nos últimos encontros, entretanto, Malan tinha uma participação ativa. O ministro também passou a incluir em sua agenda um maior número de encontros com políticos, formalidade do cargo que nunca o agradou. Já há algum tempo, no entanto, é cada vez mais

frequente a presença do ministro da Fazenda em jantares com políticos em Brasília.

O principal sinal de que Malan pensa mesmo em se candidatar foi a decisão de registrar o endereço na Internet www.malan2002.com.br. O ministro da Fazenda de Fernando Henrique tem a simpatia do PFL. Seus adversários chegaram a acreditar que ele se enfraqueceria depois da briga do presidente do Senado, Antônio Carlos Magalhães, com o presidente. Não foi o que ocorreu.

O poder de Malan incomodava tanto que, semana passada, foi atribuída a ele uma nota publicada por uma revista, dizendo que o ministro das Relações Exteriores, Luiz Felipe Lampreia, estaria com fastio do cargo. A intriga foi logo negada por seus assessores.

O fato é que Malan conseguiu uma projeção maior que o chanceler ao negociar pessoalmente a convergência macroeconômica do Mercosul, isto é, uma forma única de calcular as estatísticas oficiais dos países membros. ■